

"3 de Fevereiro" BA

entrelinhas... 8.12.87

É uma aldeia comunal que ficou famosa pelo facto de perto dela acontecerem ataques dos bandidos armados. Foi assim nos anos passados, é assim este ano. Um dos mais brutais massacres dos bandidos aconteceu, por assim dizer, nas suas barbas.

É uma aldeia bem visível, situada mesmo à beira da Estrada Nacional n.º 1 pouco depois da Palmeira. Ninguém pode passar por lá sem na ver. Está num local plano, bem plano e com fraca arborização. O terreno é arenoso, de uma areia fina e solta que se torna tórrida em dias de calor.

É uma aldeia originária das cheias do Incomati e do Incoluane. Se a memória não me falha, foi durante as cheias de 1977 que, após a fúria devastadora dos rios, milhares de pessoas se viram sem abrigo, enquanto centenas de palhotas desapareciam submergidas pelas águas. Machambas sumiram e dezenas de cabeças de gado encontraram a morte no leito dos dois rios enfurecidos. O Incoluane é afluente do Incomati.

Normalmente é um riacho manso, preguiçoso. Mas nesse ano até a ponte sobre a Estrada Nacional n.º 1, foi cortada.

Para socorrer os camponeses foram disponibilizados meios e, como sempre, fez-se a mobilização para a construção de uma aldeia comunal. Das vítimas das cheias nasceu a «3 de Fevereiro». E é aqui que começa a história para ser entendida por bons entendidores.

Os vales de Incoluane e o do Incomati são ricos. São propícios para a agricultura — milho, batata-doce, arroz — e a presença de água e bons pastos facilita a criação de gado. Daí sucede que a população local é uma população que vive (vivia) bem. Uma população que na generalidade se pode (podia) considerar abastada.

As cheias iam acontecendo com maior ou menor gravidade. Era só deixar as águas baixarem e a vida recomeçava com as terras ainda mais férteis, devido ao húmus depositado. Mas não foi assim naquele ano em que nasceu a «3 de Fevereiro», uma aldeia cujo parto não obedeceu a um processo normal, ou seja, que não é resultado de uma mobilização simples. Foi preciso usar o «gancho» para a população não regressar aos vales. Alguns camponeses mais teimosos, tanto teimaram que reinstalar-se nos vales. Mas foi uma minoria. A maioria ficou na «3 de Fevereiro». Sem muita vontade, pelas razões seguintes:

1) A Aldeia Comunal «3 de Fevereiro» implantou-se num terreno arenoso. Por outras palavras, o terreno é impróprio para construção de habitação. Com o sol, aquece e eleva-se a temperatura ambiente;

2) Implantou-se numa zona sem água. Por isso foi necessário fazer projectos de abertura de poços, porque a população sofria por falta de água.

3) É uma aldeia superpovoada, o que cria problemas de higiene e de obtenção de lenha. Numa aldeia superpovoada de ano a ano a lenha vai-se obtendo cada vez mais longe, devido ao desaparecimento dela nas vizinhanças.

4) A agricultura, principal ocupação dos aldeões, passou a fazer-se com dificuldades, porque as machambas ficaram lá nos vales. A terra solta em redor da aldeia naturalmente não se presta para a agricultura. E então, camponeses que nunca tinham conhecido longas distâncias para irem às machambas passaram a conhecer a dor da marcha para ir e vir do trabalho.

5) Por tudo isto, o nível de vida dos camponeses não melhorou. Viviam melhor «dispersos», com risco de cheias, do que na aldeia, uma aldeia nascida desplanificada, uma aldeia de circunstância, administrativamente criada. Com a agravante de que o movimento das aldeias comunais teve sempre dificuldades em implantar-se onde a população já tinha um certo nível de vida, onde a população tinha boa terra.

É verdade que a «3 de Fevereiro», passados já dez anos sobre a sua criação, viu muito empreendimento físico realizado, muito trabalho político feito. Mas há sementes no espírito do homem que, uma vez plantadas, não morrem, pois que são alimentadas por um fogo interior que só se apaga quando terminam as causas que o atearam. Se você fosse compulsivamente obrigado a viver num local que não gosta, até porque sem condições; se passasse a ter mais dificuldades para satisfazer as necessidades elementares; se você visse o seu nível de vida a baixar, de certeza que remoeria muitas maldições dentro do seu espírito...

Para bom entendedor, meia entrelinha basta. Não vale a pena ir buscar longe a explicação de determinados fenómenos que se passam na «3 de Fevereiro». O problema não é superficial, nem recente e resulta do excesso de zelo de determinados quadros empenhados em realizar, cheios de boas intenções, planos bonitos, de estatística elevada, ignorando que o homem, como dizia Samora, não é pão que se amassa e se mete no forno.

Agora, claro, resta fazer serviço de bombeiro ali e noutras «3 de Fevereiro» que haverá por aí.